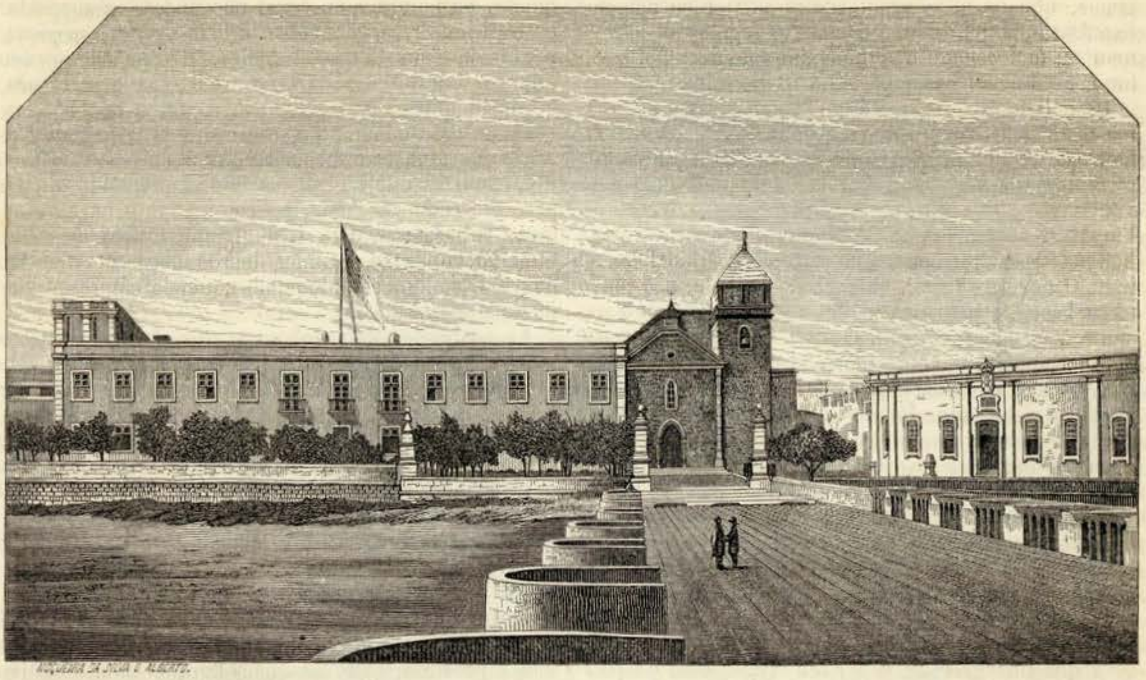


Largo de S. Paulo, palacio do governo, casa e ponte da alfandega, em Moçambique

CIDADE DE S. SEBASTIÃO DE MOÇAMBIQUE

(Vid. pag. 177)

II

Ao mesmo tempo que as nossas armas victoriosas dilatavam os dominios da corôa portugueza na Africa Oriental, ia o commercio estabelecendo feitorias nos pontos apropriados da costa do Oceano e no sertão. Taes foram os principios das villas de *Tete*, *Quelimane*, *Inhambane*, *Sena* e outras, com que se foi povoando de portuguezes aquellas regiões.

Não foi de longa duração este periodo de victorias e prosperidades. A estrella de Portugal, que principiára a empallidecer na Europa sob o governo del-rei D. João III, no Oriente ia perdendo o brilho de dia para dia. A honra do nome portuguez continuou a ser sustentada por mil feitos de bravura e coragem, e por actos de abnegação e patriotismo verdadeiramente heroicos. Não bastava porém todo esse esforço para conjurar a tormenta que de todos os lados rebentava furiosa contra a nau do estado.

O governo da Africa Oriental tinha passado dos capitães de Sofala para os capitães-móres e governadores de Moçambique, subordinados, todavia, aos vice-reis da India. Foi D. Estevão da Gama o primeiro que fixou a sua residencia na ilha de Moçambique. Os seus successores, por iniciativa propria, ou por ordem dos vice-reis da India, tinham melhorado as fortificações d'aquella ilha, e levantado novas fortalezas no continente em diversos pontos da costa e do sertão, onde pareceu mais acertado para defensa da provincia contra os numerosos inimigos que a cercavam.

Em quanto na metropole houve governo que zelasse o decoro e os mais interesses da patria, não faltaram soccorros aos que defendiam na Africa e na Asia a honra do seu nome. Porém, assim que esfriou aquelle zêlo, convertendo-se primeiramente em desleixo, e depois em deslealdade e perfidia; assim que este nobre reino caíu nas garras do leão de Castella, foram escasseando os soccorros que costumavam partir de Lisboa periodicamente para a India e Africa Oriental.

A provincia de Moçambique viu-se então exposta a terriveis devastações, chegando a perigar o nosso dominio n'essa importante e vasta possessão.

Os régulos pretos nossos visinhos, arremessando-se com as suas hordas, sedentas de sangue e de rapina, sobre as nossas feitorias do interior, saquearam-n'as e fizeram n'ellas grande mortandade, continuando a assolar o paiz até ás povoações da beira-mar (1585).

Após este accommettimento, que foi repellido e os cafres expulsos do territorio da provincia, mas á custa de penosos sacrificios, appareceram, primeiramente uma galé, e no anno seguinte uma poderosa armada do sultão da Turquia a disputar-nos o dominio na Africa Oriental.

Quiz a Providencia que ainda triumphassemos d'este inimigo. Uma armada partida de Goa para defensa da costa africana, sob o commando do valente capitão-mór Thomé de Sousa Coutinho, investiu os navios turcos, que, dispostos em duas divisões, esperaram o ataque no porto de Mombaça. Ao cabo de rijo mas breve combate ficou destroçada completamente a armada turca, e o seu commandante caíu em poder dos vencedores (1589).

Não tardaram, porém, a surgir n'aquelles mares, onde a bandeirra portugueza sempre tremulára victoriosa, outros inimigos muito mais temiveis pelo seu esforço e perseverança.

Os inglezes e os hollandezes, que viam com inveja os nossos descobrimentos e conquistas, mas que até então nos respeitaram como senhores dos mares, observando agora o progressivo e rapido enfraquecimento de Portugal, devido principalmente ao machiavelico systema de politica do rei intruso D. Filippe II, lançaram-se sobre as nossas possessões de além-mar como o abutre sobre um corpo d'onde a vida está prestes a fugir. Ora alliando-se com os povos nossos inimigos, ora valendo-se unicamente das suas proprias

forças, arrebataram-nos muitas e importantes conquistas em que estabeleceram o seu dominio; despojaram-nos de outras em beneficio dos soberanos indigenas, que os auxiliaram contra nós; e se não nos expulsaram inteiramente d'aquellas regiões foi porque nem no maior auge dos infortunios de Portugal o valor e a coragem desampararam os portuguezes.

Os hollandezes appareceram como piratas nos mares da Africa Oriental no começo do seculo XVII. Contentaram-se nos primeiros annos com as riquezas que recolhiam da pirataria, porém, animados com taes vantagens, atreveram-se a disputar-nos o territorio. Em 1607 surgiu diante de Moçambique uma armada hollandeza com tropas, que desembarcaram logo na ilha. O governador, D. Estevão de Athaide, não tendo força bastante para os repellir, recolheu-se com a sua gente á fortaleza, que foi cercada pelo inimigo, e por elle accommettida com vigorosos e repetidos assaltos pelo espaço de dois mezes, que tanto durou aquelle memoravel assedio. Desesperando em fim o inimigo de fazer render aquelle punhado de bravos, saqueou e lançou fogo á povoação, depois do que se recolheu aos seus navios, que em seguida deram vélas ao vento.

Apesar d'este mau successo das suas armas, não desistiram os hollandezes dos seus projectos sobre a provincia de Moçambique; mas, finalmente, graças ao auxilio que nos prestou o imperador do Monomotapá, com quem os portuguezes celebraram alliança por essa occasião, foram repellidos em todos os ataques que nos fizeram, e por fim afugentados d'aquellas terras e d'aquelles mares.

N'esse mesmo anno fez doação aquelle soberano á coroa de Portugal de diversas minas de oiro e prata que existiam nos seus estados. Não offereceram, é certo, as vantagens que se imaginavam, em razão de ser a exploração muito trabalhosa e difficil, por falta de instrumentos apropriados e de pessoas competentes para dirigirem os trabalhos. Todavia, fizeram com que se desenvolvesse o commercio interno da provincia de Moçambique, e este desenvolvimento foi causa de que se fundassem mais algumas povoações e novas fortalezas, que, ao passo que protegiam as vidas e fazendas dos que se abrigavam á sua sombra, eram outras tantas fiadoras de segurança e tranquillidade para toda a provincia, pelo respeito que impunham aos régulos dos paizes confinantes com as nossas fronteiras.

Aquelle movimento commercial deu grande impulso a Sofala, antiga séde do governo da provincia, e á pequena povoação da ilha de Moçambique, que, tendo despojado aquella das honras de capital, tanto medrou e cresceu pela benefica influencia do seu excellente porto e da sua vantajosissima situação geographica, que foi creada villa e depois cidade, chegando a ser o maior centro do commercio da provincia, e o mais importante de toda a Africa Oriental.

Este quasi renascimento depois de tanta prostração era o effeito d'esse grito de independencia que soou em Lisboa em o 1.º de dezembro de 1640, e que n'um só dia sacudiu de Portugal o tyrannico jugo de Castella. A esse brado patriotico Moçambique correspondeu com alvoroço e enthusiasmo assim que recebeu a alegre noticia.

Quando Portugal se viu desassombrado da guerra de Hespanha, e tambem victorioso no Brasil pela completa expulsão dos hollandezes, voltou a sua attenção e todos os cuidados e desvelos para o desenvolvimento da colonisação n'este ultimo paiz. Desgraçadamente, esse beneficio feito ao Brasil cortou á nascença a prosperidade das nossas provincias africanas, sobre tudo a de Moçambique.

Como não bastasse para aquella colonisação a gente enviada de Portugal, onde sempre houve escassez de braços para as necessidades da lavoira e dos outros ramos da industria, mas cuja falta se tornou ainda mais sensivel no fim das guerras da independencia de Portugal e da restauração do Brasil; como, principalmente, os naturaes do reino não podessem supportar os trabalhos agricolas sob o ardente sol dos tropicos, recorreram aos filhos da Africa. E d'est'arte se deu impulso em larga escala ao trafico da escravatura, que principiou n'esta provincia no anno de 1645.

Desde esse momento operou-se na provincia de Moçambique uma transformação. As attenções, o esforço e os capitaes que até alli se iam empregando, de dia para dia cada vez mais, no commercio e na agricultura, voltaram-se para esse infame trafico de carne humana, que tão grandes lucros offerecia com tão pouco trabalho, abandonando aquellas emprezas afanosas e arriscadas.

As povoações que tinham portos de mar, e sobre tudo a capital da provincia, assumiram, é certo, um aspecto novo de prosperidade, proveniente da grande copia de dinheiro que similhante trafico ahi attrahia. Mas as verdadeiras fontes de riqueza publica iam-se estagnando á maneira que se organisava e estendia o trafico da escravatura. Com esta origem de mal coincidiu outra tambem grave, que foi o estabelecimento dos hollandezes no Cabo da Boa Esperança em 1651, e de uma feitoria franceza na ilha de Madagascar em 1655.

O governo da metropole decretou algumas providencias com o intento de atalhar a progressão dos males publicos, entre as quaes figuram uma tentativa de colonisação feita em 1667, em que foram enviados de Portugal numerosos colonos, e entre estes muitos artifices; a separação das possessões portuguezas da Africa Oriental do governo dos estados da India, determinando o decreto de 19 de abril de 1752 que Francisco de Mello e Castro, que então as administrava, se intitulasse *governador e capitão general de Moçambique, Sofala, Rios de Sena, e todas as costas de Africa desde o cabo Delgado até a bahia de Lourenço Marques*, etc.; e a instituição de várias companhias commerciaes, que se crearam em diversas epochas até ao fim do seculo, quasi todas promovidas pela auctoridade local, e ás quaes se concederam importantes privilegios, que não impediram, todavia, que tivessem curta existencia. Porém, não obstante todos esses esforços, o commercio interno, os estabelecimentos ou feitorias, que tinham medrado á sombra d'elle, a agricultura, finalmente todos os ramos da industria, que são os elementos da verdadeira prosperidade de qualquer paiz, os unicos que podem assegural-a, corriam a passos largos em toda a provincia pelo caminho da decadencia.

Mas não pararam ahi as desgraças d'essa malfadada provincia: áquella cadeia de males accrescentaram novos elos a relaxação que se inoculou nos costumes, e a corrupção que se introduziu nos empregados do governo, por um lado como triste apanagio das riquezas adquiridas facilmente e quasi sem trabalho por uma classe de cidadãos; e por outro lado como consequencia natural da miseria que abrangia as outras classes da sociedade.

Tão alto levantou o collo a immoralidade e a cubiça, que, dando-se as mãos, em communidade de interesses, os traficantes de escravatura e algumas auctoridades, muitos milhares de pretos, subditos portuguezes ou alliados da coroa de Portugal, foram traiçoeiramente presos, vendidos e enviados como escravos para o Brasil. Assim se despovoou o sertão da provincia de grande numero de braços uteis, que o commercio empregava na conducção das mercadorias; e se dizimou aquella parte da população dos paizes visinhos, que nos não hostilisava, antes em muitas occasiões nos auxiliava contra os nossos inimigos.

Para que o quadro fique completo e fiel, accres-

centaremos que os rendimentos publicos, sempre em progressiva declinação, não chegavam para acudir ás mais urgentes despezas do serviço do estado; a divida publica crescia de anno para anno de modo espantoso; os empregados subalternos procuravam a paga do seu trabalho ou a satisfação da sua cubiça nas extorsões e na veniaga; os governadores e mais auctoridades, com raras excepções, cuidavam mais que tudo em se enriquecerem depressa, para virem gozar na patria o mais breve possivel o fructo das suas rapinas; a acção governativa perdia de dia para dia o prestigio e a força; na tropa augmentava a indisciplina de uma maneira assustadora; em fim, o desleixo e a confusão que lavravam em todos os ramos da administração, a falta absoluta de segurança e a impunidade para os criminosos, enchiam toda a provincia de desordens, escandalos e de crimes. E para se fazer idéa do systema economico dos governos d'essa epocha, bastará dizer que o meio de que se lançou mão para prover ao desfalque da receita publica foi tributar-se tudo quanto se exportava de Moçambique para os portos dos nossos proprios estados da India. Esse tributo, que ao principio foi de 10 por cento, chegou a elevar-se a 40 por cento!

Similhante estado de anarchia e dissolução, dilatado por longo curso de annos, e de que não ha outro exemplo egual na historia das nossas possessões ultramarinas, collocou a provincia de Moçambique á borda de um abysmo. Parecerá incrivel, se não milagrosa, a sua conservação na coroa de Portugal, se nos lembrarmos de que durante esse triste estado, ao mesmo tempo que as costas da provincia eram continuamente infestadas por corsarios francezes, que sob a bandeira da republica tantas perdas nos causaram, os cafres e outras hordas de selvagens, e até as proprias tribus alliadas dos portuguezas, conhecendo e aproveitando-se do nosso enfraquecimento, romperam em hostilidades que por muitos annos tiveram a provincia de Moçambique em guerra sem tréguas, ora em um, ora em outro ponto.

Este quadro historico não sómente chega ao fim do seculo passado, mas ainda abrange alguns annos além do primeiro quartel do seculo actual.

No anno de 1828 viu-se Moçambique ameaçada de um grande e novo perigo. O sultão de Mascate surgiu em frente da costa de Zanguebar com uma poderosa armada, composta de uma nau de 84 canhões, duas fragatas, quatro corvetas, e quarenta transportes com tropa. Esta noticia lançou a cidade de Moçambique em grande consternação, pois não havia forças para oppor a tão potente inimigo. Por muita felicidade, aquelle soberano satisfez a sua ambição conquistando Mombaça e Zanzibar, depois do que enviou um mensageiro com cartas para o governador de Moçambique, em que propunha um tratado commercial, que a dita auctoridade acceitou sem hesitação.

Moçambique acclamou com enthusiasmo a sra. D. Maria II, logo que alli chegou a noticia da restauração do throno da primeira soberana constitucional dos portuguezes. Então a todos animou a esperança de que sob o benefico influxo da liberdade se abriria para aquella provincia uma nova epocha mais prospera e feliz que todo o seu passado. Porém não se realisaram essas esperanças fagueiras. A discordia que dividiu a familia liberal no reino após do triumpho, ao mesmo tempo que deixou quasi no esquecimento aquella longinqua possessão, obstando assim ao seu desenvolvimento, transmittiu-lhe pelo exemplo o virus da anarchia.

O anno de 1834 ficou tristemente assignalado por uma terrivel carnificina que fizeram os pretos *vatuas* nos infelizes habitantes de Inhambane. Antes de completar um anno as mesmas hordas de selvagens roubaram e incendiaram a villa de Sofala. Em 1838 rebentou em Moçambique uma revolução que a auctoridade conseguiu vencer, suffocando-a no sangue dos principaes cabeças, que foram fusilados em janeiro do anno seguinte.

A rebellião, então vencida, levantou o collo na bahia de Lourenço Marques em 1842, e depois nas margens do Zambeze. Nas duas décadas seguintes repetiram-se ainda por vezes as guerras dos gentios, e as sublevações dos pretos escravos ou subditos portuguezes contra os brancos, e d'estes contra as auctoridades. Felizmente, os importantes triumphos obtidos pelas armas portuguezas contra os negros, que invadiram a provincia no anno de 1862, escarmentaram essas hordas selvagens, e deram a Moçambique dias mais tranquillos.

A consolidação da ordem e das instituições em Portugal; a entrada d'este reino no caminho do progresso, e a de todos os partidos nos limites traçados pela constituição do estado, estenderam a final a sua influencia salutar ás nossas possessões de além-mar. O governo da metropole começou a dirigir um pouco a sua attenção para as provincias ultramarinas. É certo que Moçambique tem sido até hoje a que menos cuidados lhe tem merecido. Todavia, esse pouco que por ella se tem feito já tem dado em resultado mais alguma segurança e tranquillidade para os habitantes, mais força e prestigio ás auctoridades, e mais animação á agricultura e ao commercio. Para isto concorreram muito a extincção do trafico da escravatura, várias providencias tomadas pelo governo local, ou pelo da metropole, e algumas emprezas particulares. Entre as resoluções de iniciativa official citaremos a que no anno de 1853 franqueou o porto da cidade de Moçambique ao commercio de todas as nações; a que estabeleceu diversas alfandegas provinciaes; a que reformou a pauta dos direitos; a que concedeu um subsidio annual para auxilio do cofre d'aquella provincia; a que aboliu os antigos prazos da coroa; a que determinou e regulou a liquidação da divida publica; a que creou em Moçambique uma estação de dois navios movidos por vapor (a *Infanta D. Maria Anna* e *Barão de Lazarim*) para cruzarem na costa, o que tem imposto respeito aos inimigos da coroa portugueza; a que enviou o barco a vapor *Zambeze* para navegar no rio d'este nome e proteger os estabelecimentos do interior, etc.

Isto, e outras muitas providencias que por brevidade deixâmos de referir, é muito, sem dúvida, se se considerar na longa serie de annos que esta malfadada provincia esteve abandonada, e quasi á mercê dos seus inimigos. Porém é de certo bem pouco em relação ás necessidades d'essa provincia, e ao que razoavelmente ha a esperar d'ella quando a fecundar um impulso civilisador, dirigido com energia, habilidade e perseverança.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

CARTAS A UMA SENHORA

A TERRA NO ESPAÇO

Minha senhora — Fallemos hoje do nosso planeta, considerado em relação ao cosmos. Permitta-me v. exc. que lhe diga alguma coisa a respeito da nossa Terra, d'esta esphera que nos arrasta nas suas viagens em volta do Sol, e nos imprime uma velocidade de rotação, em comparação da qual as proprias balas de artilheria tem a velocidade de um cavallo que galopa ao lado de um *train de plaisir*.

É costume velho dos que habitâmos a Terra dizer mal do que temos e desejar o que não possuimos. Somos crianças até á morte. Dizia-o Epicteto, que era

o homem tão estulto que punha a felicidade no impossivel e a infelicidade no inevitavel. E isto é rigorosamente verdadeiro, posto que desconsolador.

Por isso, não se admire v. exc. se ha tanta gente, aliás de são juizo e no uso pleno das suas faculdades, que olha para os planetas com vistas invejosas, e exclama entre suspiros e lamentos, ou resmoneando com má catadura: — Além é que estanceia a felicidade.

Se v. exc. compulsar os innumeros livros que desde a antiguidade grega se hão escripto ácerca da pluralidade dos mundos, em todos verá estas exclamações, que já vão sendo insulsas e estafadas á força de se repetirem.

«Ó Sol, diz um, quem me dera vogar nas tuas ondas de fogo!»

Este esquecia-se que o fogo tem a particularidade de queimar, e o menos que poderia acontecer-lhe seria o ficar tisnado como um carvão e moreno como um ethiope.

«Ó Lua, serena e pudica Lua, ó caçadora undivaga, ó plebéa lampada, exclama outro, se eu podésse sentar-me nos pincaros de um dos teus rochedos, como Mario sobre os muros de Carthago!»

Est'outro não se lembrava que a Lua não tem atmosphera, e está crivada de volcões que vomitam a morte; de sorte que, se escapasse da asphyxia, morria como Plinio, sem ter as honras de naturalista. E a respeito de fome não fallemos. Tinha de roer as unhas, a menos que não seguisse o preceito de Fontenelle, que, fallando dos satellites, diz com muita graça: «Ha vida em toda a parte, e dado que a lua não fosse senão um monte de rochedos, lá mesmo punha habitantes, ainda que os obrigasse a comer pedras.»

A respeito de todos os outros planetas é sempre a mesma lamuria, é sempre a mesma cantilena. Em se mettendo a fallar da pluralidade de mundos, os sabios mais positivos e menos sensiveis tornam-se Jeremias.

Assim é que Jupiter é um éden afortunado, Saturno o paraiso terreal, Neptuno o acumen de felicidade, e as estrellas o verdadeiro olympo sonhado pelos gregos, o empyreo, a corte celestial dos christãos, o theatro de Osiris, o paraiso de Mahomet, o throno de Bhouda.

Ainda ha pouco li um livro do sabio physico inglez Brewster [1], que dizia assim: «Não póde haver intelligencias ainda superiores ás de Newton em planetas mais esplendidos que o nosso? Não se servem os seus habitantes de telescopios mais penetrantes e de microscopios mais poderosos? Não tem processos mais subtis de inducção, meios de analyse mais fecundos, mais profundas combinações? Não se resolveu ainda lá o problema dos tres corpos, não se explicou o phenomeno do ether luminifero, nem se desvendou a força transcendente do espirito com definições eximias e theoremas de geometria? Gozam indubitavelmente esses homens de maior poder de raciocinio, que os leva a apreciações mais sãs, e a mais perfeito conhecimento dos designios e das obras de Deus. Quaesquer que sejam, porém, as suas occupações intellectuaes, certo é que estudam as leis da materia, as quaes se exercitam em volta d'elles, por sobre elles, por baixo d'elles e entre elles na amplidão dos ceos.»

Já vê, pois, v. exc. que cada um póde phantasiar á sua vontade no grande ambito da natureza. O physico imagina a electricidade muito desenvolvida entre os habitantes planetarios ou stellares; o chimico acredita que elles formam e obtem maior numero de reacções; o mecanico, que se resolveu já o problema do motu continuo; o geometra, o da trisecção do angulo ou dos tres corpos; e assim successivamente.

O que é necessario é que os planetas sejam dos mais afastados, porque, em se aproximando da Terra, perdem a virtude. Até Venus, o voluptuoso e vespertino planeta, não goza de grandes regalias, e perdeu muito do seu credito. E a Lua? Já ha muita gente que a escarnece. Pois deixe v. exc. os maldicentes, que a nossa Terra é a final um jardim, onde nos damos perfeitamente. E em relação ao cosmos, a sua situação não é das peiores.

Não vivemos em um éden, bem o sei. A religião chama á Terra um valle de lagrimas, theatro de provações, morada transitoria. Tudo isto assim é, não duvido, mas repare v. exc. que é necessario muita resignação christã para que o corpo deixe fugir a alma, e vá apodrecer na cova fria e escura, comido de vermes, em quanto aquella vae ninguem sabe para onde, batendo as azas, como o rouxinol que foge da gaiola.

Deixando agora discussões de alta philosophia, de que eu fujo como o demo da cruz, porque isto de se embrenhar qualquer em psychologias é o mesmo que crucificar-se em vida; passando por sobre todas essas cogitações de philosophos maganos, que architectaram edificios em areia nos momentos de ocio; respeitando aliás as crenças de cada qual, siga-me v. exc. n'esta pequena e agradavel digressão astronomica.

A Terra está isolada no espaço; nenhuma ligação visivel a prende; parece independente e senhora das suas acções. Pois engana-se redondamente, o que não admira, porque uma esphera não póde enganar-se quadradamente. Supponho que v. exc. não terá o louco ousio de me perguntar se a Terra é redonda. Isso então era para eu descambar no abysmo das desillusões.

Mas como é que a Terra, abandonada no espaço, se póde sustentar? A razão é clara e evidente: é porque não póde cair. A este paradoxo, que assim o alcunha muita gente, me responde certamente v. exc. com um ponto de admiração. Faz mal. A Terra no espaço é como certos filhos prodigos, que, mal herdaram o patrimonio por morte dos parentes, começam a andar por esse mundo á revelia. Um dia, porém, e quando menos era de esperar, vem uma ordem do tutor, assignada pelo conselho de familia, que obriga o rapaz prodigo a viver na aldeia natal, descrevendo o costumado circulo em volta das herdades. Com a Terra acontece o mesmo. É tutor d'ella o Sol, e tem por conselho de familia as constellações.

Quando a nebulose solar se desentranhou em mundos, como em outras cartas tive occasião de dizer a v. exc., a Terra, saída do cháos, começou de andar ás soltas. Mas o Sol não lhe deu tempo. Para logo a attrahiu, e a Terra, obedecendo conjunctamente á velocidade inicial, ao fogo da mocidade, que a impellia para longes paragens, e á attracção do Sol, que a estava chamando para os igneos seios, obrou com siso e prudencia sujeitando-se ás duas acções, e desde então girou sempre e sempre ha de girar em volta do grande brazeiro, assim como todos os outros planetas. Assim se originou o movimento elliptico, ou o movimento pelo qual os planetas descrevem ellipses, de que o Sol occupa um dos focos.

Como é, pois, que a Terra podia cair? Para que caisse, e não podia ser senão no Sol, era necessario que este a attrahisse de um modo tal, que a velocidade inicial se podésse considerar nulla. Logo, a Terra sustenta-se isolada no espaço pela simples razão de não poder cair.

Temos, portanto, o movimento annuo ou de translação. Não haverá mais nenhum? Ha o de rotação, como nos estão indicando o nascer e pôr dos astros, as noites, e mil outros phenomenos que é impossivel consubstanciar aqui.

Do muito que se ha dito e escripto sobre a rotação da Terra, aconselho a v. exc. que, em momentos de ociosidade, leia o meu estudo sobre Kepler, que ora se anda publicando n'este jornal. Note v. exc. que lhe aconselho tal leitura á mingoa de melhor.

Vem aqui a pello dizer a v. exc. que ha um sabio

[1] *More worlds than one*, cap. IV.

francez, e muito afamado, o sr. Delaunay, que affirmou ha pouco a diminuição necessaria da velocidade de rotação do nosso planeta. Haveria então dia eterno para os habitantes do nosso hemispherio, e eterna noite para os do outro. Juntando a esta mil outras desgraças, quaes são as perturbações do nosso modo de ser e total aniquilamento da humanidade, já vê v. exc. que o sr. Delaunay é um propheta da desgraça. Felizmente, d'aqui até lá tempo vae — a bagatella de um bom par de milhares de milhões de annos.

Aos movimentos de rotação e translação são devidos quasi todos os phenomenos que contemplâmos sobre a Terra. As estações, os climas, os ventos, etc., etc., tudo depende d'estes dois grandes movimentos, os quaes, combinados com a acção directa do Sol e da Lua, conservam a vida na face da Terra.

As marés, resultado da attracção combinada do Sol e da Lua, as correntes, e todo esse elaborar vital, esse concerto de harmonias, esse zumbir da colméa terrestre em todas as manifestações, em todas as transformações, tudo é filho do Sol, heroe unico da epopéa tellurica, e tudo provém mais ou menos directamente da causa geral por grandes e pequenos movimentos.

Conta não sei que viajante, que, estando em uma ilha, depois de admirar com a devida circunspecção todas as curiosidades, como se diz em linguagem technica, chegou a um morro abrupto aprumado sobre



A Terra no espaço

o mar, cujas ondas referviam em cachão lá em baixo. O *cicerone*, homem consciencioso, debruçou-se sobre o precipicio, tomou uns ares inspirados, e exclamou, apontando para o abysmo undoso: «Isto é o mar!» O viajante ficou estupefacto, e parece que riu a bom rir da graveza do *cicerone* ao dar tão importante nova. Estou cá com os meus receios de que v. exc. se ria de mim se eu lhe disser que a Lua é o satellite da Terra, porque a segue perpetuamente no espaço, apresentando-lhe sempre a mesma face, ou partes d'ella; que a distancia entre os dois astros anda por sessenta vezes o raio terrestre; que a *casta diva* reflecte a luz do Sol, etc., etc. Tudo isto sabe v. exc., e o mais que eu podéra dizer-lhe levar-me-hia tão longe, em virtude das graves complicações dos movimentos lunares, que por aqui me fico, pondo ponto final.

E a gravura, perguntará v. exc. Quer a explicação d'ella? Nada mais facil. É olhar, que logo penetra e desvenda todos os mysterios. Além está o Sol. Não é elle capaz de se confundir com qualquer astro, por muito bizarro e fidalgo que este fosse. Vê-se depois a Terra, parte illuminada, parte obscura, por isso que é espherica. A Lua lá está tambem, toda vaidosa, mirando a Terra. E depois as estrellas que povoam a amplidão, seres fixos, centros de outros systemas planetarios, focos de luz, calor e vida, nucleos sympathicos em torno aos quaes caminham astros secundarios em cortejo reverente e respeitoso.

Eu podia encher esta carta de muitos numeros, alinhados em renques medonhos, como phalanges de demonios. Podia dizer muitas coisas curiosissimas, descrever movimentos multiplices. Mas no resumir tantos phenomenos e circunstancias nas estreitezas de uma carta fôra defrontar com a obscuridade e o nebuloso, fôra enfadal-a sem proveito. *A Terra no espaço!* Se v. exc. quizesse ler um grande e grosso volume traiçoeiro como o cavallo de Troia, ainda assim difficil lhe seria compendiar tão vasta materia.

Sou, como sempre, servo dos seus dotes,

A. Osorio de Vasconcellos.

O PRIMEIRO AMOR DE UM REI

(Vid. pag. 194)

XIV

O PRIMEIRO AMOR

Não nos occorre quem disse já, fallando do amor, que é o nivelador universal; mas este é um dos effeitos que produz. As suas causas são incomprehensiveis e não podem definir-se.

É, todavia, certo que eguala os entes de diversas gerarchias, e que os mais elevados, os mais favorecidos pela sorte e pela gloria, não podem deixar de sentir do mesmo modo que os mais desgraçados e humildes os effeitos d'essa paixão geradora, d'essa paixão que é a luz da alma, que mata e dá vida, d'essa paixão que podéra chamar-se vontade de Deus.

Carlos, ao passo que despertava do lethargo da meninice para aspirar a gloria, acordava para a vida e queria gozal-a.

A mulher era para elle um enigma, mas um enigma que desejava decifrar com extraordinaria curiosidade.

Incitado pelos promettimentos de uma felicidade sem limites que Chièvres lhe fizera ao empuxal-o para satisfazer a sua paixão, desejava tanto ou mais que Maria avistar-se com ella, e, como na pobre orphã, dominava-o um sentimento de pureza.

O primeiro amor, embora seja ephemero para os soberanos, embora não possam gozal-o com todos os encantos e illusões, porque a energia da vontade ou o poder das conveniencias palacianas vence os obstaculos que tornam aprazives os momentos de dúvida e esperança, que antecedem as primeiras commoções amorosas; o primeiro amor, repetimos, é puro, e na sua pureza encerra a ineffavel ventura que derrama em nossa alma.

Carlos não experimentava a felicidade nos sentidos; era no coração, cujas pulsações mais apressadas que nunca, e avivadas pelo fogo lento que lhe ardia nas veias, haviam-n'o transportado a uma vida nova e agradavel para elle.

Esperou, pois, na régia camara que chegassem Maria e o primeiro camarista, e ao aproximar-se o momento da visita tremia como se treme antes de nos empenharmos na lucta, ou antes de entrarmos em combate, e começava a observar que lhe iam escasseando as forças...

Maria, ruborisada como virgem, entrou na camara do rei acompanhada de Guilherme de Croy.

O primeiro camarista de sua magestade recommendou-a ao soberano e saíu para a antecamara a fim de esperar que a orphã, terminada a audiencia, viesse reclamar os seus serviços.

É mais facil de comprehender que de explicar a perturbação de Carlos e de Maria.

Ella via-se por primeira vez na presença de um rei, e de um rei que, se não a amava, podia amal-a!

Elle recordou-se da apparição que lhe alterára o socego durante a tempestade; das palavras que Chièvres lhe dissera para demonstrar-lhe que tudo fôra um sonho; e conservava-se na dúvida, pois não sabia se devia fallar a Maria como a um ente que já conhecia, ou se devia esperar que ella fallasse, porque n'aquelle momento elle era um rei para Maria, e Maria apenas era uma subdita perante elle.

— Senhor, atreveu-se a dizer Maria, são tamanhos os favores que vossa magestade me dispensa, que eu, profundamente reconhecida, posso apenas expressar a commoção que experimento; porém vossa magestade perdoar-me-ha a ousadia, e continuará a proteger-me para que encontre minha irmã.

— Sim, Maria, sim, respondeu Carlos; procural-a-hemos... leval-a-hei aos braços de sua irmã; mas, em compensação, não me dará o seu amor?

— Senhor...

— Não me considere como seu rei. Desde que a vi em casa do senhor de Hevia, o seu rosto, as desgraças que me referiram da sua vida, despertaram em mim uma grande affeição, e... não sei explicar o que desejaria, mas julgo que seria muito feliz se a tivesse sempre ao meu lado. Diga-me que não me deixará, que deseja tambem estar aqui, que quer ser minha irmã, minha...

Maria tornou-se ainda mais vermelha, e o coração parecia saltar-lhe do peito.

— Senhor, eu sou uma pobre orphã... ousou dizer sem levantar os olhos do solo.

— É um anjo!... Oiça, Maria, accrescentou Carlos animando-se por instantes, ha nos seus olhos alguma coisa que parece ser da minha alma, e de que ella carece absolutamente. Diga-me que hei de vêl-a junto de mim em todos os momentos que possa roubar aos negocios para dedical-os á minha felicidade intima; diga-me que me consolará nos meus pezares, que saberá mitigar as minhas dores, que se interessará por tudo quanto me disser respeito, e eu prometto-lhe desde já livral-a da orphandade e da pobreza, restituindo-lhe a ventura que perdeu vivendo só e retirada.

Maria não respondeu; mas, inteiramente fascinada, teria sacrificado gostosissima a vida, se Carlos lh'a tivesse pedido.

— Assegure-me ao menos que tornarei a vêl-a, que viverá para mim, que acceitará a casa e os criados que mandei aprompiar para a servirem; assegure-me tambem que não terá dúvida em receber-me ahi, e que ao seu lado encontrarei o balsamo que necessita o meu coração.

Maria conservava-se muda; porém no olhar expressivo não pôde occultar os sentimentos.

O rei chamou o primeiro camarista, e disse-lhe que acompanhasse Maria á habitação que mandára preparar para ella não distante da carreira de S. Paulo, e em frente da casa onde habitava.

— Até ámanhã, Maria, disse o rei despedindo-se da pobre orphã.

— Até ámanhã, senhor, respondeu a joven saíndo da real camara acompanhada de Guilherme de Croy.

O primeiro camarista de Carlos I, aproveitando-se da perturbação de Maria, e conhecendo que fascinára inteiramente o rei, tratou de sujeitar aos seus planos a vontade da orphã, e, acabando de alterar a sua razão, já transviada pelas illusões que as palavras do soberano lhe haviam despertado na mente, conseguiu o que intentava.

Maria confessou-lhe o passado, a revelação de sua mãe, a gratidão e o amor que sentia pelo rei; lançou-se confiada nos braços do favorito a quem devia toda a felicidade, e, imperando n'ella, Chièvres, que não deixava passar as occasiões, comprehendeu a influencia que podia ter a amante do monarcha e a filha de um personagem, porque Zumel o era então, e o primeiro camarista não duvidou que fosse o pae de Maria o que se mostrava mais hostil a que o reino de Castella jurasse Carlos I como rei de Hespanha. Ligou, pois, os fios dispersos, e aguardou o momento de servir-se d'elles.

No entretanto, conduziu Maria á morada que a munificencia do rei lhe destinára, e a pobre orphã, sem comprehender o laço que lhe preparavam, admirou as preciosidades que se encontravam na sua nova casa, e pensava que seria alli um templo consagrado ao amor mais puro da terra, porque a sua imaginação estava longe de ser dominada pelos sentidos.

Até chegou a esquecer-se de sua irmã, do seu pas-

sado e do seu futuro, e era porque o presente lhe bastava para se considerar a mais feliz das mulheres.

Sem saber como, chegou a adorar o rei, misturando o amor com uma veneração sem limites.

Carlos foi visital-a em a noite seguinte á da primeira audiencia, e desde então não deixou de ir vêl-a. O seu amor augmentava sempre, e ainda que excitado pelos conselhos perfidos do camarista, quando estava apartado de Maria amava-a como se estivesse junto d'ella, sentia as suas mãos entre as d'elle, ouvia as suas ingenuas palavras, recebia os seus purissimos beijos, sentia-se dominado pela sua alma, e o espirito saía sempre triumphante da materia.

As contrariedades politicas baldadamente arremessavam golpes mortaes ao orgulho de Carlos. O homem subjugava o rei. O homem amava e era amado.

Foi grande o sentimento do senhor de Hevia quando soube da fuga de Maria. Receiando uma intriga infame preparada pelos ambiciosos flamengos, enviou pessoa de confiança a Valhadolid para que ao menos vigiassem pela sorte, não da sua ingrata, porque não podia julgal-a ingrata, mas da sua desventurada protegida.

Como estavam, porém, os animos em Valhadolid, e qual era o partido que Chièvres se propunha tirar da confiança que Maria depositára n'elle?

XV

HONRADEZ POLITICA

Quando Carlos I chegou a Valhadolid, os nobres, na maior parte, querendo proceder segundo as conveniencias da classe e dos partidos nacionaes, e desejando influir no animo del-rei, collocaram-se logo em hostilidade contra os flamengos que o serviam, e particularmente contra o sr. de Chièvres, de quem as más linguas murmuravam bastante, accusando-o de vender os officios e de proteger os seus prejudicando os hespanhoes.

Muitos fidalgos, pelo contrario, apoiavam os flamengos, e mostravam-se summamente affeiçoados ao primeiro camarista do rei.

Os primeiros, abatidos por ver chegar Carlos I a Castella, pois projectavam elevar ao throno o infante D. Fernando, seu irmão; os segundos, tornando-se fanfarrões da sua influencia, tinham perturbado a tranquillidade das povoações hespanholas; e no meio dos dois partidos erguia-se a plebe vigorosa, offendida pelo desprezo com que haviam tratado o cardeal Ximenez de Cisneros, a quem venerava, e era muito capaz de mostrar o seu desagrado de um modo que podia inquietar os fieis subditos do monarcha e os que, fingindo sêl-o, queriam medrar á sua sombra.

Eram estes os elementos que o novo rei devia sujeitar: os seus parciaes, os adversarios dos seus parciaes e a plebe.

Mas, em vez de fazer cessar as queixas clamorosas da ultima, exacerbou-as dando o arcebispado de Toledo, vago pelo obito de Cisneros, a um sobrinho do senhor de Chièvres, ainda muito moço para aspirar a cargo tão alto, ao deão de Lovaina, que participára com o primaz de Hespanha dos cuidados do governo da nação.

Esta mercê; o odio que os flamengos inspiravam; o espirito de liberdade que a politica dos reis catholicos fizera calar em todos os animos; o desejo de pôr cobro aos caprichos de um soberano dominado pelos cortezãos que o cercavam, entre os quaes havia quem imperasse em alguns homens illustrados que tinham sido revestidos do mandato provincial, com direito de expressar as suas opiniões ácerca dos negocios publicos; tudo, em fim, contribuiu para suscitar uma serie de obstaculos ao reinado de Carlos I, que só a energia de caracter do moço rei, o espirito monarchico dos hespanhoes e a sagacidade dos ministros podiam vencer consolidando a posse do throno peninsular na casa de Austria.

El-rei convocou as cortes, e depois de receber muitos embaixadores dos reis christãos, e por elles as felicitações dos soberanos da Europa, encontrou grandes difficuldades para que o reconhecessem como rei os procuradores de Castella, os que se fundavam em que, vivendo a rainha D. Joanna, não podiam reconhecer no filho a magestade de que se achava ainda revestida a mãe, e muito menos se antes D. Carlos não jurasse respeitar e cumprir as resoluções das cortes de Burgos, reunidas por el-rei D. Fernando em 1511.

Tratou-se tambem de impedir que os estrangeiros viessem á corte; e estes assumptos, uns de fórma, outros de fundo, porém da mais vital importancia, tinham enleado o rei e os seus conselheiros, e ameaçavam semear de difficuldades e invenciveis obstaculos o caminho que devia percorrer Carlos para lançar os fundamentos do seu reinado em a nação que adquirira por herança.

Entre os procuradores, o mais activo, o mais energico e o mais decidido a obstar a que os personagens que cercavam o rei, nacionaes ou estranhos, não se locupletassem á custa da nação, era o de Burgos, chamado o dr. Zumel.

A sua opposição obstinada excitou a colera dos flamengos e de muitos fidalgos castelhanos, que adoravam o moço rei até o ponto de se ver ameaçado por uns e por outros; mas Zumel, pertinaz no principio que abraçára, não attendia a coisa alguma, e nada faria emmudecer a sua palavra eloquente.

Os diversos accordos que se tomaram para comprar o seu silencio, e as propostas que depois se lhe dirigiram para ganhar o seu affecto, nem o atemorisaram, nem o fizeram mudar de proposito. Era inabalavel nas suas convicções. Foram, portanto, baldadas as tentativas. A sua opposição podia originar um cataclismo politico.

— Que se ha de fazer com esse homem tão pertinaz? perguntava o conselho a cada instante.

— Eu saberei vencel-o, dizia Chièvres.

— O senhor camarista!... exclamavam todos, maravilhados da audacia de Guilherme de Croy.

— Eu, sim; possuo um precioso talisman com o qual dominarei a vontade d'esse homem.

— Zomba de nós!

— Não, sob minha palavra. Dêem-me o prazo de uma semana; não deixem de trabalhar juntos dos outros procuradores, a fim de convencel-os, e D. Carlos, rei até agora pelo testamento do fallecido D. Fernando, sêl-o-ha tambem pelo voto de seus subditos.

(Continúa) B. A.

BRASIL

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE, NA CIDADE DA LIMEIRA, PROVINCIA DE S. PAULO

Continuando a nossa viagem, chegâmos a S. Paulo. Como são lindos os campos de Piratininga! E o Braz! Como se estende a branca e risonha povoação pelas campinas fronteiras á cidade!

O leitor já não encontra as tabas de Tebyriçá e Cayubi de 1554. Encontra a crescente e linda cidade fundada n'aquella epocha pelos jesuitas, e actualmente tão cheia de commodidades, e tão habitada assim por nacionaes como por estrangeiros.

Já o leitor conhece os principaes monumentos da formosa capital.

Vamos agora seguir a *massadora* viagem de dez le-

goas, até Jundiahy, porque a via ferrea ainda não está prompta até áquella pequena cidade. Jundiahy nada tem de notavel. Temos aqui regulares hospedarias. Ámanhã proseguiremos a nossa viagem.

Já andámos sete legoas de montanhoso caminho até que chegámos a Campinas, a maior e mais importante cidade do interior d'esta provincia, pela sua grande lavoira de café.

O cançaço não nos deixa visitar a grande e nova egreja matriz, tão rica de obra de talha, nem tão pouco a sua pequena mas linda praça de mercado, as suas casas nobres, os seus cemiterios, etc. Aguardaremos occasião mais opportuna. Ainda temos o mesmo caminho e a mesma viação.

Os ricos municipios da Limeira, Mogymirine e Rio Claro; os vastos sertões de Araraquara e do Jahú, não podem dispensar o prolongamento do ferreo carril.

Temos andado nove legoas até á pequena mas importante cidade da Limeira.

Vamos admirar a egreja de Nossa Senhora da Boa Morte, que a estampa representa.

Este modesto templo foi começado ha poucos annos pela irmandade da sua invocação. Pouco depois, o commendador José Ferraz de Campos, coronel reformado da guarda nacional, tomou a si esse honroso serviço, e levantou á sua custa todas as paredes do templo, que são de taipa, no que gastou não poucos contos de réis.



Egreja de Nossa Senhora da Boa Morte, na cidade da Limeira, provincia de S. Paulo

Estava a obra n'este ponto quando o cidadão Bento Manuel de Barros, um dos primitivos fundadores da cidade, se encarregou de concluir o edificio á sua custa, fazendo tudo quanto é de madeira, e as torres, pintura, doirados, etc.

Os trabalhos não foram riscados por um engenheiro, por isso são desculpaveis os erros que n'elles se notam, apesar de serem dirigidos pelo cidadão F. J. de Araujo Lima, cujo zêlo e actividade são inexcediveis.

Mais tarde, o distincto artista italiano Aurelio Ciratte, não só tem enriquecido a obra com primores de talha, mas tem remediado, tanto quanto é possivel, os defeitos acima mencionados.

As torres são de desenho do mesmo artista, que dizem ficar promptas no decurso do corrente anno, assim como a obra do interior.

O sr. Barros não se contentou de gastar mais de cem contos de réis n'esta obra; levou mais longe a sua piedade religiosa. Mandou vir de Portugal os sinos para as torres, e ricos e numerosos paramentos de linho e de seda, sobresaíndo dois completos, branco e roxo, de brocatel de seda e lhama de prata, dois ricos pallios, lanternas de prata, thuribulo, ambulas, e outros guisamentos do mesmo metal, sobresaíndo um calix doirado de raro trabalho artistico, além de um primoroso frontal bordado a oiro, etc.

A Limeira possue cidadãos muito importantes por seus haveres em ricas fazendas de café, e por sua dedicação á causa publica.

Durante a questão anglo-brasileira foi o municipio da Limeira que mais se distinguiu em donativos para as urgencias do estado, e na presente guerra com a republica do Paraguay não tem procedido de outra maneira. Só o referido commendador Ferraz offereceu ao governo o importante donativo de 10:000$000 réis.

A Limeira foi fundada em 1825; por lei da assembléa legislativa provincial de 8 de março de 1842 foi creada villa, e em 1864 elevada á categoria de cidade.

Leitor, descancemos um pouco. Em breve continuaremos a nossa viagem até Rio Claro.

Limeira, abril de 1866.

Julio de Arouck.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio